

GÊNERO E EDUCAÇÃO FÍSICA

Débora Louise Medeiros da Silva

Dianne Cristina de Souza Sena

RESUMO

A pesquisa apresentada tem como objetivo identificar de que forma a temática gênero vem sendo trabalhada por professores de Educação Física. O tema Gênero no contexto da Educação Física é relevante compreendendo o processo histórico e cultural da área, onde é cercado de pré-conceito referente as diversas práticas corporais realizadas, seja por homens ou por mulheres. Uma das problemáticas debatidas neste estudo é sobre as modalidades esportivas que são caracterizadas culturalmente como femininas e masculinas. Isso é incutido no contexto social e difundido pelos meios de comunicação e passar a ser apresentado como regras internas das práticas e que as crianças e adolescente passam a seguir e obedecer. Outro ponto relevante é que a participação das meninas nas aulas esporte é bem inferior em relação aos meninos. Com isso, justificamos a importância em se abordar, refletir e debater sobre o tema em todos os níveis escolares, como forma de ampliar a sua compreensão. Nosso estudo tem como metodologia a pesquisa descritiva-qualitativa onde é utilizado o questionário como instrumento de pesquisa, na qual foi desenvolvida e direcionada para 22 alunos matriculados no ensino médio. Desta forma, observa-se que entre os conteúdos das aulas de Educação Física não é incluso a abordagem do Gênero, contribuindo cada vez mais para a perpetuação do estereótipo sexual. O que leva a um desencadeamento de diferenças acentuadas nas experiências vivenciadas por meninos e meninas, refletindo consequentemente na sua vida social.

Palavras chaves Gênero. Educação Física. Inclusão. Estereótipos.

GENDER AND PHYSICAL EDUCATION

ABSTRACT

The present research aims to identify how the gender theme has been worked by Physical Education teachers. The theme Gender in the context of Physical Education is relevant understanding the historical and cultural process of the area, where it is surrounded by preconceptions regarding the various corporal practices performed, whether by men or women. One of the issues debated in this study is about the sports modalities that are culturally characterized as female and male. This is instilled in the social context and diffused by the media and is presented as internal rules of practice and which children and adolescents follow and obey. Another relevant point is that the participation of girls in sports classes is much lower in relation to boys. With this, we justify the importance to approach, reflect and debate on the theme at all levels of school, as a way to broaden their understanding. Our study has as methodology the descriptive-qualitative research where the questionnaire is used as a research tool, in which it was developed and directed to 22 students enrolled in high school. In this way, it is observed that among the contents of Physical Education classes is not included the approach of Gender, contributing more and more to the perpetuation of the sexual stereotype. This leads to an unleashing of marked differences in the experiences of boys and girls, thus reflecting on their social life.

Keywords Gender. Physical Education. Inclusion. Stereotypes.

1 INTRODUÇÃO

Gênero, este termo vem do Latim *genus*, equivalente a “nascimento”, “família”, “tipo”. Costumeiramente, o termo gênero é empregado como um conceito gramatical de classificação de palavras, dividindo-se entre: masculino, feminino e neutro. Ainda que em sua origem grega, *genos* e *geneã*, o termo também fizesse referência ao sexo, foi somente a partir do século XV que esta associação passou a ser mais utilizada, ou seja, o termo gênero passou a ser sinônimo do sexo biológico dos indivíduos. Naturalmente, os termos masculino e feminino tornaram-se especificações do gênero, sendo o primeiro empregue aos machos e o segundo as fêmeas (NADER, 2014).

Até o século XVIII, o modelo igual para os dois sexos dominava a forma de se pensar os sexos, isto é, acreditava-se que os corpos dos homens e das mulheres

tinham órgãos genitais iguais, sendo que nas mulheres localizava-se no interior do corpo. Durante a vigência deste modelo, o gênero era concebido como uma categoria cultural, ser homem ou ser mulher era uma condição social, enquanto que o biológico, o corpo, não determinava nada, era apenas um fato irrelevante. Neste modelo de unicidade sexual, a diferença entre os sexos se dava em grau de hierarquia e não era oriundo da natureza. A hierarquia se justificava por duas realidades, onde o homem era a referência de perfeição (LAQUEUR, 1990).

No final do século XVIII, surgiu o modelo dos dois sexos em oposição, que predomina até hoje. Impelidos pelas descobertas da anatomia, que permitiu desvendar os corpos e reconhecer as diferenças biológicas um século antes, começaram a insistir na distinção radical entre os sexos, afirmando inclusive que homens e mulheres diferem física e moralmente.

De acordo com a historiadora Schiebinger (1989), cita que estudos do esqueleto salientavam diferenças entre os sexos. Detalhou-se, por exemplo, que a mulher, por ter um crânio menor, teria menos capacidade intelectual e, portanto, menos condições de participar dos domínios do governo, comércio, educação, ciência.

A partir deste momento, surgiram cada vez mais estudos no campo das ciências naturais que reafirmavam diferenças entre homens e mulheres. Neste processo, ao mesmo tempo em que o sistema dos dois sexos se fortalecia, ajudava a estabelecer as desigualdades morais e políticas entre homens e mulheres (COSTA, 1995).

Contudo, essa desigualdade de gênero existe na sociedade como um todo, inclusive nas aulas de educação física, devido a estereótipos trazidos dos alunos para o ambiente escolar, gerando exclusão de ambos os gêneros. A discriminação vem de “padrões” criados pela sociedade, em que meninas devem praticar atividades em que estimule sua feminilidade, e aflore sua representação de mãe e dona de casa, e para os meninos, atividades que estimule suas habilidades motoras, virilidade, a agressividade, força, e independência.

As dificuldades encontradas pelas meninas não sustenta-se em uma limitação bio-fisiológica da menina, e apoia-se em uma limitação cultural, por terem sido privadas de práticas necessárias para seu desenvolvimento, e com a intervenção dos professores possibilita uma ampliação da capacidade motora dessas meninas, fazendo com que possam dominar, conhecer, trabalhar dentre outras coisas, mas sem fazer com que ela seja estereotipada como masculinizada, como alguém que tivesse que abrir mão da sua feminilidade, só por praticar um esporte ou quaisquer outras práticas corporais (CASTELANI, 2012).

Neste sentido, esse trabalho se apresenta como possibilidade de debates e também como meio de refletir sobre a temática gênero, nas aulas de Educação Física. O estudo também visa ampliar o acervo literário sobre as questões de gênero. Outro ponto relevante da pesquisa é o intuito de conhecer, compreender, refletir e aprofundar os conhecimentos sobre gênero na Educação Física, e deste modo, dar visibilidade às questões de gênero com intuito de naturalizar estes conceitos.

Diante do exposto esse trabalho tem como objetivo identificar de que forma a temática gênero vem sendo trabalhada por professores de Educação Física.

2 METODOLOGIA

2.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

Através da realização da pesquisa e abordagem do tema, a metodologia apresentada foi descritiva-qualitativa, pois desenvolveu um trabalho referente ao assunto, descrevendo a situação, problemas e possíveis soluções. De acordo com Godoy (1995, p.58) explicita algumas características principais de uma pesquisa qualitativa, o qual embasam também este trabalho: considera o ambiente como fonte direta dos dados e o pesquisador como instrumento chave; possui caráter descritivo; o processo é o foco principal de abordagem e não o resultado ou o produto; a análise dos dados foi realizada de forma intuitiva e indutivamente pelo pesquisador; não requereu o uso de técnicas e métodos estatísticos; e, por fim, teve como preocupação maior a interpretação de fenômenos e a atribuição de resultados.

2.2 POPULAÇÃO E AMOSTRA

A população da pesquisa foram 22 alunos matriculados no ensino médio.

2.3 CRITÉRIO DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO

Os critérios de inclusão que foram considerados para aplicação do questionário são: 1) Estar matriculado na rede de ensino de escola particular; 2) Cursarem o ensino médio.

Já os critérios de Exclusão foram: 1) alunos de outra rede de ensino; 2) alunos que não estiverem no ensino médio.

2.4 INSTRUMENTO E PROCEDIMENTOS DE COLETA

O instrumento utilizado para a coleta de dados foi um questionário que possui 6 questões abertas e fechadas sobre de que forma a temática gênero vem sendo trabalhada por professores de Educação Física, em que foi visitado previamente as escolas e explicado a pesquisa no qual foi concedido a autorização para a realização do questionário com os alunos. O termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi passado para os pais dos alunos participantes do questionário, e devidamente assinados autorizando a participação da coleta de dados, que em seguida foi realizado com os alunos selecionado, sendo eles do ensino médio.

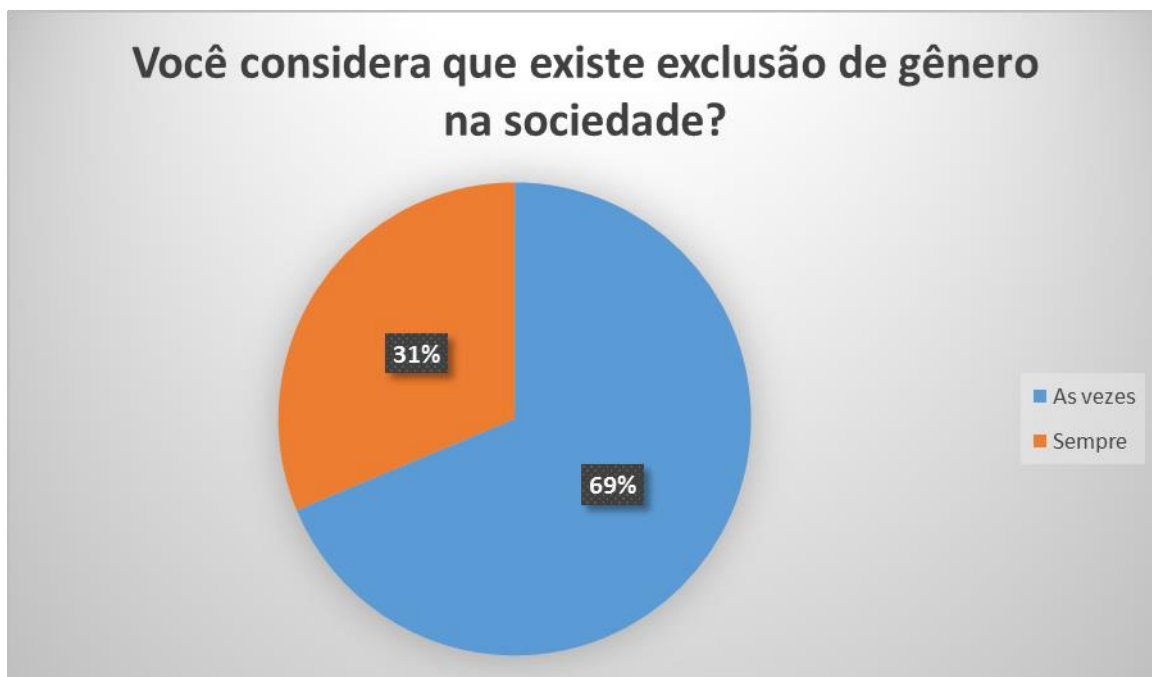
Para que seja mantido o sigilo dos alunos, os mesmos serão identificados com A1, A2, sucessivamente até A22.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados apresentados pelo questionário foram utilizados para apresentar e informar as respostas da pesquisa do tema proposto. Para apresentação destes dados utilizamos os gráficos. Estes foram elaborados no Microsoft Excel 2010. Os dados e resultados apresentados resultaram numa estatística descritiva.

2 Você considera que existe exclusão de Gênero na Sociedade?

Ilustração 01- Gráfico



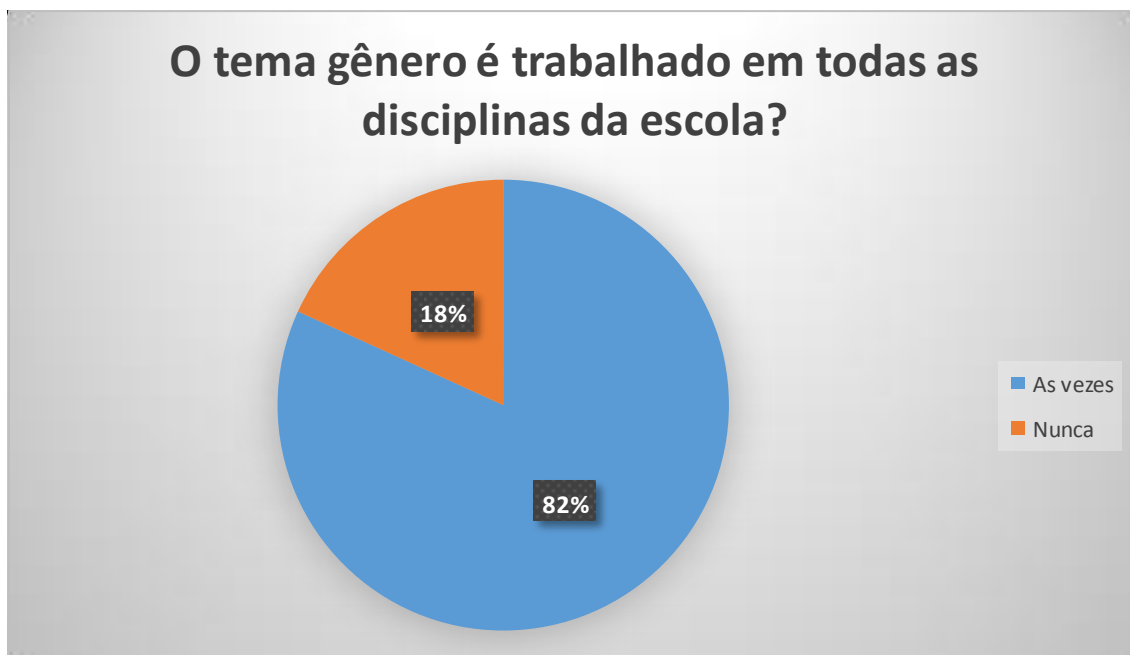
Fonte: Silva (2016)

No gráfico 01, do total de 22 alunos, 69% afirmaram que “às vezes” existi exclusão de gênero na sociedade, 31% dos alunos responderam que “sempre” existe. Observamos desta forma, que todos relataram que “existe” exclusão de gênero na sociedade. Consideramos assim que em todos os aspectos da sociedade existe separações de sexos, seja nas cores do quarto do bebê, até a profissão escolhida para atuar. Segundo Azevedo (2004, p.2)

Os papéis sociais estabelecidos para homens e mulheres no decorrer da história visaram dividi-los em duas bases, a pública e a privada. A mulher naturalmente regida pela emoção se restringiu ao privado, as atribuições do lar e da família. O homem por sua vez naturalmente nasceu para o público, pois é movido pela razão. Essa construção legitimada na natureza faz crescer as desigualdades e marca como natural tais diferenças.

1 O tema gênero é trabalhado em todas as disciplinas da escola?

Ilustração 02- Gráfico



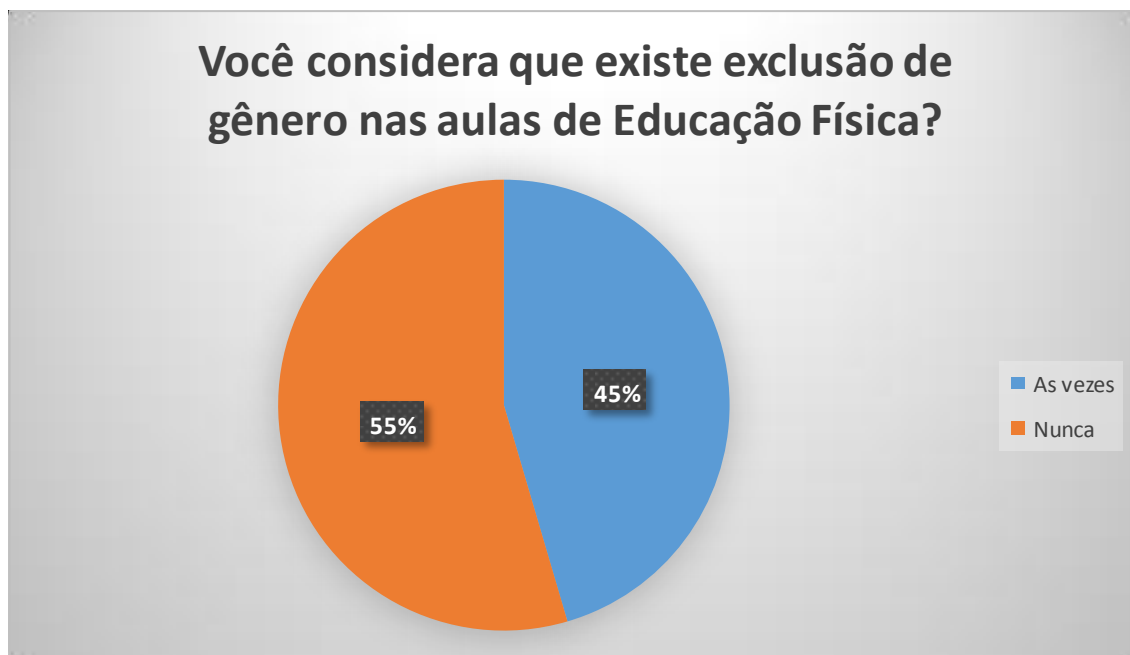
Fonte: Silva (2016)

Observamos no gráfico 02, que do total de 22 alunos, 82% disseram que “as vezes” é trabalhado o tema gênero em todas as disciplinas da escola, e 18% disseram que “nunca” é trabalhado. França (2011, p. 114) afirma que

A escola é uma das responsáveis pela produção e reprodução de diferenças e desigualdades, entre elas, as relativas ao sexo e ao gênero. Desde sua gênese, essa instituição separou os indivíduos, utilizando-se de mecanismos de classificação: adultos e crianças, ricos e pobres, meninos e meninas. Seu ambiente foi constituído para acolher somente alguns, e não todos; no entanto, manifestações pelo acesso irrestrito à escola, assim como modificações nos regulamentos e currículos, têm sido organizadas para que as diferenças sejam repensadas e reduzidas.

Deste modo, a escola é responsável não somente pelo ensino das matérias, mas também pela formação do caráter e inclusão de todos os indivíduos e seus gêneros.

3 Você considera que existe exclusão de gênero nas aulas Educação Física?

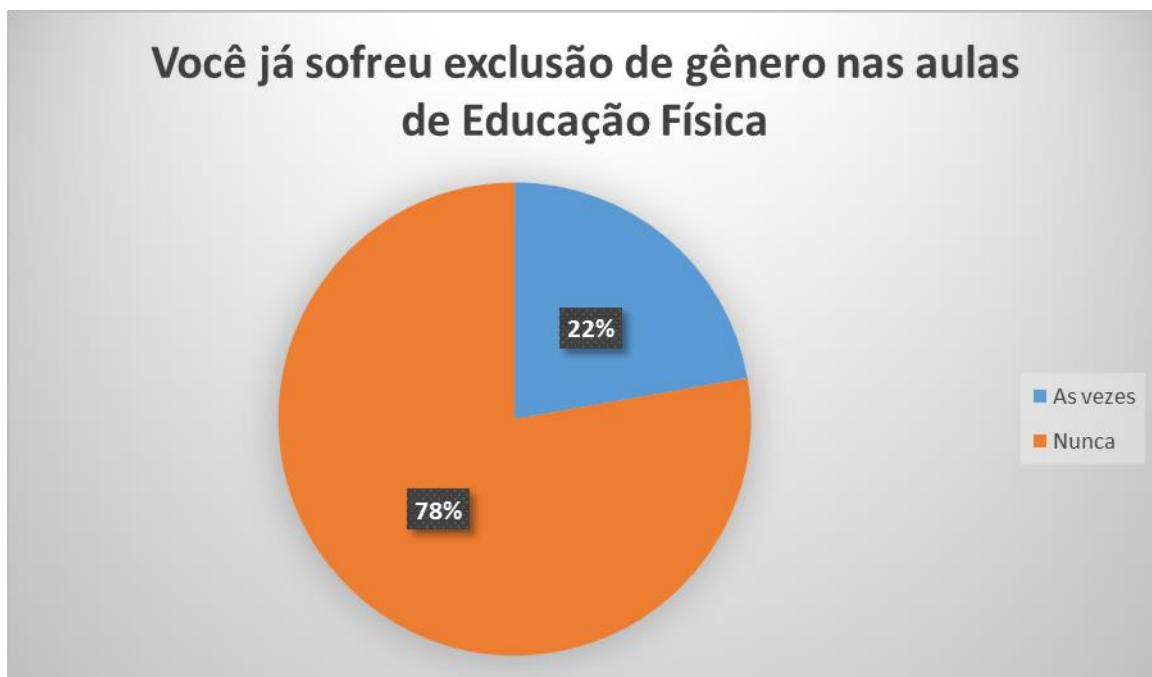
Ilustração 03- Gráfico

Fonte: Silva (2016)

Conforme apresenta o gráfico 03, do total de 22 alunos, 45% responderam que “as vezes” existir exclusão de gênero nas aulas de Educação Física e 55% responderam que “nunca” houve exclusão. O gênero é excluído corriqueiramente nas aulas de Educação Física como se fosse algo intrínseco dessa disciplina. O autor Louro (1997, p. 72) cita que

se em alguns componentes curriculares a constituição da identidade de gênero parece, muitas vezes, ser feita por meio de discursos implícitos, nas aulas de educação física esse processo é, geralmente, mais explícito e evidente. Ainda que várias escolas e professores/as venham trabalhando em regime de co-educação, a educação física parece ser a área onde as resistências ao trabalho integrado persistem, ou melhor, onde as resistências provavelmente se renovam, a partir de outras argumentações ou de novas teorizações.

4 Você já sofreu exclusão de gênero nas aulas de Educação Física?

Ilustração 04- Gráfico

Fonte: Silva (2016)

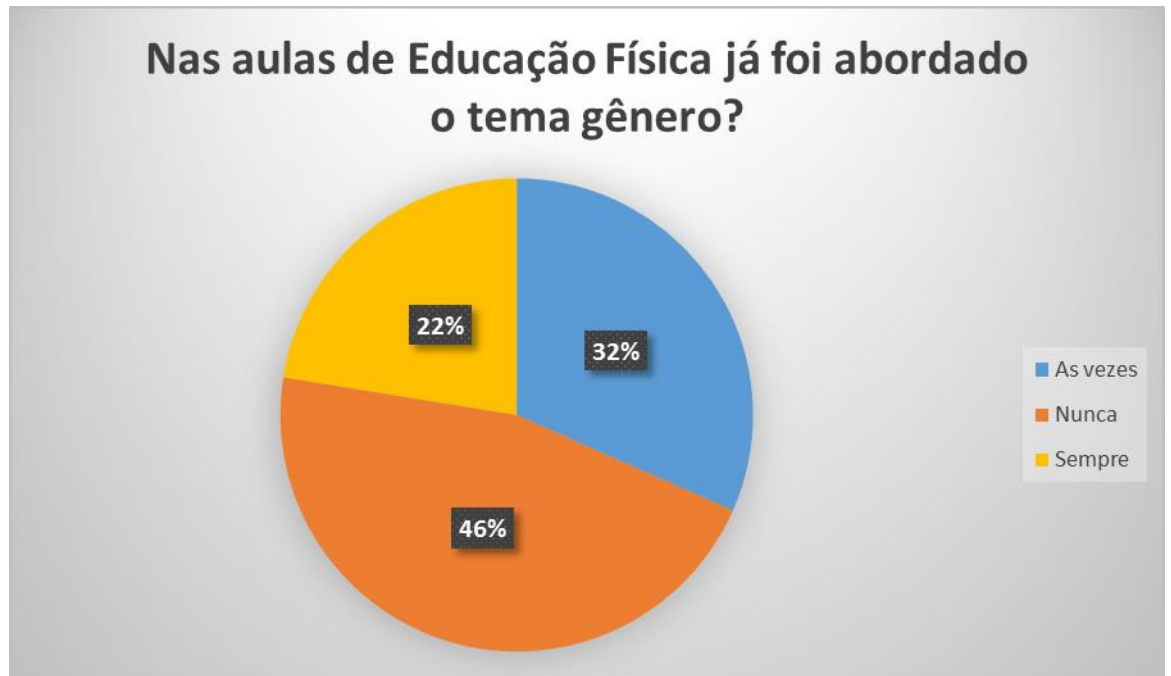
De acordo com o gráfico 04, do total de 22 alunos, 22% responderam que “as vezes” sofrem exclusão de gênero nas aulas de Educação Física, e 78% relataram “nunca” ter sofrido exclusão. Como já aponta na pergunta 03, a exclusão de gênero existe nas aulas de Educação Física e como exemplo de exclusão a fala do A4 retrata nitidamente uma exclusão.

“Quando é aula prática e o professor diz que o esporte do dia é futsal, só os meninos jogam. Na minha turma só uma menina sabe jogar, mas ela é sempre excluída ou discriminada pelos outros meninos”.

Levando em consideração as diferenças, nos deparamos com preconceitos vividos por meninas considerando os seguintes fatores: falta de habilidade e fragilidade. Desta forma elas são excluídas de atividades por serem consideradas frágeis. Contudo, vemos que não é só as meninas que são excluídas, alguns meninos também, por não terem habilidade suficiente para participar de determinadas práticas (SOUSA, 1999).

5 Nas aulas de Educação Física já foi abordado o tema gênero?

Ilustração 05- Gráfico



Fonte: Silva (2016)

Como exposto no gráfico 05, do total de 22 alunos, 46% disseram “nunca” ter sido abordado o tema gênero nas aulas de Educação Física, 32% disseram que “as vezes” e 22% disseram que “sempre” é abordado. De acordo com Saraiva (1999, p 27)

O papel dos/as professor/as de Educação Física na escola, já que estes/as em suas práticas ajudam a reproduzir velhos valores, auxiliando na manutenção dos estereótipos sexuais diferenciados para meninos e meninas.

Na pergunta 04, A15 relata

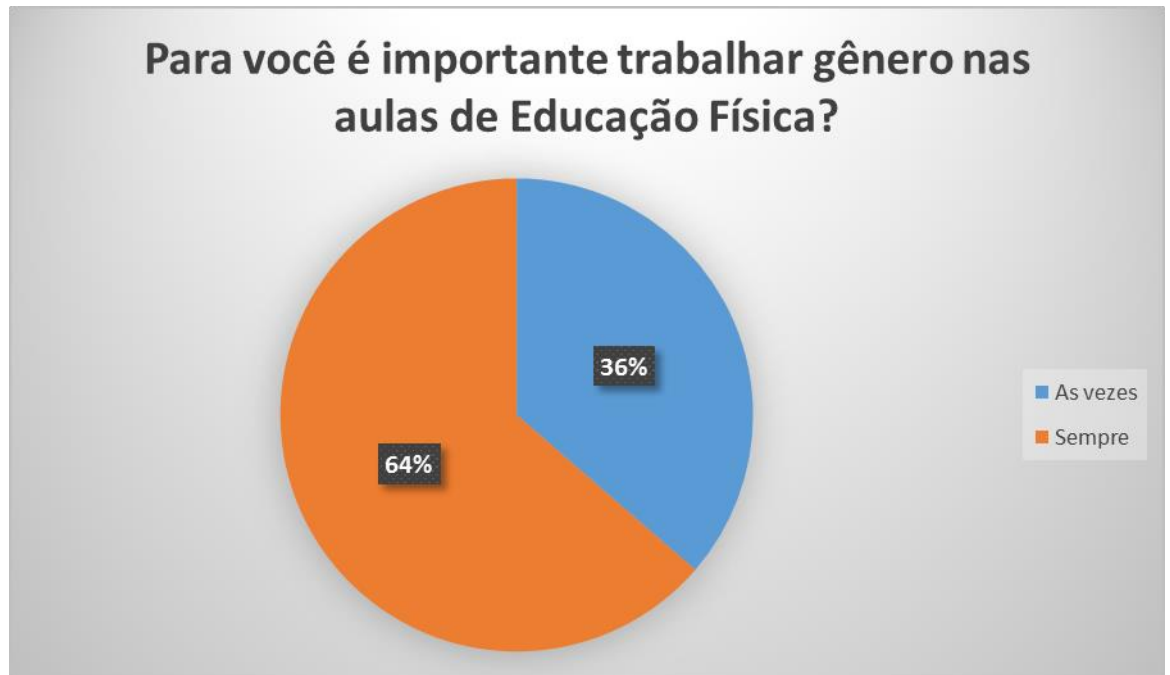
Algumas exclusões por gênero existem são impostas pela sociedade por meio da cultura, que são hábitos produzidos em grupos. Noções como futebol é coisa de menino e vôlei é coisa de menina ainda existe nos dias de hoje, o que não há fundamento para tal afirmação e se sobressai à vontade pessoais dos alunos.

Neste sentido, a intervenção do professor de Educação Física é importante pois faz com que esses estereótipos relatados pelo A15 sejam dissolvidos e haja

valorização de todos os gêneros.

6 Para você, é importante falar sobre gênero nas aulas de Educação Física?

Ilustração 06- Gráfico



Fonte: Silva (2016)

O gráfico 06, no total de 22 alunos, 36% consideraram que “as vezes” é importante falar sobre gênero nas aulas de Educação Física. Já 64% disseram que deve ser “sempre” abordado o tema. Observamos que é importante para os alunos que seja trabalhado gênero em todas as aulas, pois faz com que se rompa preconceitos, amplia o conhecimento sobre a temática, havendo reflexão, esclarecimento e oportunidade compreensão de todos. Cruz (2009, p. 119) alerta que

se a Educação Física persistir nas práticas de ensino sexista nos aspectos biológicos, o repertório motor feminino será prejudicado, por não ter oportunidade de vivências corporais iguais aos meninos. Nos aspectos psicológicos, a acomodação por parte das meninas em relação à superioridade masculina, uma vez que os meninos são desde cedo estimulados para a independência. Nos aspectos sociais, serão prejudicados ambos os gêneros, pois sem a socialização dos gêneros nas atividades não poderão compartilhar suas experiências motoras, e também não possibilita o questionamento de gênero.

Sendo assim, a persistência de continuar com o ensino sexista continuará a acontecer exclusões, acomodações, prejudicando o desenvolvimento e formação dos alunos, agravando e ampliando o preconceito.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desta forma, observa-se que no desenvolvimento e aplicação dos conteúdos das aulas de Educação Física não é inclusa a abordagem sobre Gênero, contribuindo cada vez mais para a perpetuação do estereótipo sexual. O que leva a um desencadeamento de diferenças acentuadas nas experiências vivenciadas por meninos e meninas, refletindo conseqüentemente na sua vida social e cultural.

Tradicionalmente a Educação Física escolar tem como conteúdo principal o esporte, e alguns deles apresentam-se caracterizados como masculino, como exemplo temos o futebol, e alguns femininos, como exemplo o voleibol. Essa construção cultural contribui para uma prática excludente. Tendo em vista que os fatores que asseguram a perpetuação desta realidade são de ordem cultural e não biológica.

Neste sentido, faz-se necessário romper com os preconceitos arraigados na nossa cultura, principalmente em âmbito escolar.

Cabe, então, aos professores, inclusive, aos professores de Educação Física compreenderem as diferenças existentes entre os gêneros e respeitá-las, não as considerando como obstáculos no desenvolvimento de quaisquer que sejam as atividades. Consideramos pertinente a temática esta inserida nas discussões das aulas, no projeto político pedagógico e no currículo da escola, a fim de propor a igualdade de oportunidade para todos visando a tolerância e respeito às diferenças.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO. Tania Maria Cordeiro de. **A mulher na educação física; preconceitos e estereótipos**. Dissertação de mestrado em educação. Niterói: Faculdade de Educação da UFE, 1988.

CRUZ, M. M. S., PALMEIRA, F. C. C., **Construção de identidade de gênero na Educação Física Escolar**. Disponível em <
<http://lrc.nutes.ufrj.br/constructore/objetos/Texto%20do%20m%F3dulo%20G%EAnero%20no%20ambiente%20escolar.pdf>> Acesso em 07/03/2016

FRANÇA F. F., CALSA G. C., **Gênero e sexualidade na formação docente: desafios e possibilidades**. Disponível em <
<https://periodicos.ufsm.br/sociaisehumanas/article/view/2828/2858> > Acesso em 11/10/2016

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. In: **Revista de Administração de Empresas**. São Paulo: v.35, n.2, p. 57-63, abril 1995.

LAQUEUR, Thomas. **Making sex. Body and Gender from the greeks to Freud**. Cambridge Harvard university press, 1990.

LOURO, Guacira Lopes. **Uma leitura da história da educação sob a perspectiva de gênero**. Teoria e Educação, nº 6. Porto Alegre, 1992.

NADER, M. B, RANGEL, L. A. S. **Mulher e gênero em debate**. Espírito santo: Edufes, 2014. 112 p.

SARAIVA, Maria do Carmo. **Co-Educação Física e Esportes: quando a diferença é mito**. Ijuí, RS: Ed. Unijuí, 1999.

SCHIEBINGER, L. **The mind has no sex?: Women in the origins of modern science**. Chicago: University of chicago press. Cambridge. 1989. V. 13.